

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO 26 DE AGOSTO DE 1893

EXPERIMENTE:

Assignatura annual. 12\$000

„ semestral 7\$000

Numero avulso. \$200

„ utrozado \$300

SUMMARIO.—Historia dos sete dias, *José do Egypto*—Direito Autoral, *V. M.*—Preferencia, soneto, *L. Delfino*—Cavacos medicos, *Dr. Sahen*—Plebiscito litterario; Questão scientifica, *Dr. J. B. de Lacerda*—O nosso reaparecimento; Vendo a noite, poesia, *João André*—Poesia e pnetas, *H. de M.*—Theatro, *Flaminio e P. Talma*—Factos e Noticias; —Tratos á bola, *Frei Antonio*

Historia dos sete dias

Haverá algum ponto de semelhança ou afinidade entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande? entre o grão de areia que uma formiga esmaga no seu passo leve e o sol que cósse o dorso adusto das cordilheiras e aquece as aguas eternas dos oceanos?

Ha, sim:—a materia de que ambos são feitos é de certo a mesma.

Pois bem, entre o chronista miserriimo que, ao fim da semana, se debruça á mesa para historiar os factos dos dias idos, e o Creador dos mundos, a Causa das causas, a Alma do Universo, ha tambem uma semelhança.

Lembraes-vos da poesia de Victor Hugo em que Deus, no amago dos céus, sereno, contempla a terra, sorrindo? Traduzio a, ha dez annos, com o primor do costume, o nosso Raymundo Corrêa.

As armadas, enchendo os mares de monstros revéis, as batalhas com o estrondo das cargas formidaveis, Napoleão, bebedor de polvora e fumaça,

“ A guerra, o saque, as convulsões, o espanto,

Sebastop I em chammas; de Lepanto

“ O váu, de lanças e clarins repleto....

“ Homens! tudo isto, emquanto, recolhido,

“ Deus souba, passa e sóa-lhe ao ouvido

“ Como o rumor das azas de um insecto!

Pois ao fim da semana, quando se debruça á meza para historiar os dias idos, tem o chronista esta semelhança com o Senhor:—os successos da semana, por grandes e estrondosos que hajam sido, afiguram-se-lhe pequeninos, perdidos na distancia, e o seu ruido sóa-lhe ao ouvido como o rumor das azas de um insecto.

A guerra do Rio Grande do Sul deve ter sido na Asia Menór.

As noticias raras que della nos chegam, chegam-nos tão cansadas, tão pallidas, tão mortas que não podem ter vindo de menos longe. O chronista atravessa-as com a imaginação, apoiada á forte espálna da memoria, em busca da visão real desses successos sangrentos e nada colhe, ou quasi nada.

Divisa dois vultos a cavallo, galopando á frente de uma sombra rasteira, que se move para deante... Tavares, Gumersindo...

Mas nem mesmo um zumbir de vespa lhe chega ao ouvido.

E o chronista sorri... Sorri de egoismo, do egoismo de lembrar-se abrigado e seguro, enquanto seus irmãos massacram-se longe, aos milheiros; direis. Não dizeis bem. O chronista sorri-se como podia chorar. Choraria se visse os horrores dessa guerra e se lhe houvisse os gemidos, os ululos, as descargas mortíferas.

Uma phalena é pisada por um gallo, supponde. Ferida de morte, debate-se, agonisa. Em que pode ser mais tragica a morte de um touro que a de uma phalena?

Ouvisseis-lhe os gemidos de dor, visseis-lhe as convulsões e vos commovereis certamente.

Ainda bem que o governo não nos deixa vêr nem ouvir a agonia do Rio Grande do Sul!

Tambem o cholera não commove o chronista. Por que nos ha de elle assustar mais que um bond, que um trem de ferro, que um barco a vapor, que as cascas em que moramos, que as causas de morte que commosco andam e dormem?

E' o prestigio da lenda que o faz terrivel. Não houvera eu lido o *Judeu Errante*, de Eugène Sue, e o cholera-morbus me pareceria tão ameno como a febre amarella.

Mas eu o estou vendo, o sapateiro maldicto que negou ao Nazareno o hanco da sua porta e desse crime de um minuto foi castigado com uma eternidade de soffrimentos; vejo-o a caminhar atravez da noite, por montes e valles, vejo as cruces que na terra, humida de lagrimas, imprimiam os cravos dos seus sapatões; desgrenhada a cabeça aos ventos, enquanto os sinos das aldeias badalavam funebres, e filas de chamas amarellas serpenteavam em direcção aos cemiterios...

E' essa e as outras recordações daquelle grande livro que me fazem assustador o cholera.

Por isso, a minha prophylaxia contra elle é simples, mas decisiva:—Não lei o *Judeu Errante*.

A serenidade do historiador da semana lampouco é perturbada pela demissão do chefe de policia (outro ha de vir, tão bom ou peor do que este).

Mas registra com pezar de pátrio o desapparecimento do grande brasileiro que foi o Visconde de Pelotas, o soldado Corrêa da Camara.

Mais uma espada sagrada pua a sala de armas de nosso Pantheon. Que se não apague na sua lamina o sol de Aquidaban e que nelle vão lieber luz todas as espadas novas que se desembainharem pela defesa da Patria!

Se quereis, porém, que o chronista seja franco, que vos falle com o coração nas mãos, como diz tão pittorescamente o grande poeta Povo, de todos os factos tristes e graves dos sete dias ultimos o unico que, em verdade, o sensibilisou e desfez-lhe o sorriso calmo de contemplador de latas estereis, foi a descripção feita pelo *Journal do Commercio* do estado das crianças recolhidas aos asylos Bernardina Azeredo e Josina Peixoto.

Aquillo é monstruoso! Como esperar homens amanhã, se esmagamos hoje as crianças? Acudamos todos, pelo amor de Deus! acudamos todos e depressa, e já, a essas infelizes creaturinhas que a Estupidez senão a Maldade, mascarada de Philantropia caçou na orphandade e no abandono para martyrisar na treva!

Ricos e pobres, *A Semana* vos pede, pelo amor que tendes aos vossos filhos, uma esmola para aquelles desgraçadinhos!

Elles morrem de frio e de fome, de fome e de frio, no seio desta cidade opulenta, neste fervedouro de prazeres e transacções, de jogatina e de crapula, em que não ha ninguem que acredite na existencia das duas calamidades que aquellas palavras designam —a fome e o frio!

Olhae, o chronista já não tem a pretensão de assemelhar-se ao Deus que Victor Hugo nos descreveu:—a penna treme-lhe nos dedos e uma lagrima nos ciliós...

JOSE DO EGYPTO.

Direito autoral

No dia 7 do corrente foi apresentado pelo deputado Augusto Montenegro, e assignado também pelos deputados N. Novaes e Matta Bacellar, um projecto de lei (que teve o numero 209) regulando o direito autoral, fixando os meios de tomar effectiva a propriedade litteraria, artistica e scientifica.

Lemol-o com curiosa attenção e pensamos que, comquanto aproveitavel, é incompleto e acanhado.

Vamos apreciar-o em rapidos traços.

Estabelece em seu primeiro artigo o garantimento do direito de reprodução ou de autorisar a reprodução aos autores tanto nacionaes como estrangeiros, exigindo para estes o estabelecimento no Brazil de um representante legal com poderes necessarios e bastantes.

Esta disposição é obscura, ou, pelo menos, o pensamento não foi expresso com a precisão necessaria.

Exige o projecto para os autores estrangeiros o procurador legal, aqui.

Mas se elles forem aqui residentes?

Comprehendemos bem que o autor quer referir-se aos estrangeiros ausentes, pois aos residentes a Constituição garante aquelle direito (1) mas fôra para desejar que a redacção do artigo não autorisasse duvidas e interpretações.

Achamos curto o prazo de dez annos de duração da propriedade intellectual após a morte do autor para os herdeiros legitimos, embora saibamos ser esse o prazo adoptado geralmente nas legislações europeas. Deve ser elevado a quinze annos, pelo menos, para a reprodução, podendo subsistir o de dez para a traducção.

A disposição do artigo 4.º não nos parece provida de razão nem de base.

Resa elle assim :

“Artigo 4.º. As obras litterarias, scientificas e artisticas não gozarão de protecção legal se não trouxerem estampado o nome de seu autor.

Paragrapho unico. As produções anonymas, ou assignadas por pseudonymos ou iniciaes, só começarão a gosar da protecção legal quando os nomes de seus autores forem conhecidos pelo modo fixado por este artigo, não sendo interdicta a reprodução emquanto não fôr satisfeita esta disposição.”

Que visou com ella o autor?

Impedir o anonymato?

Se foi isso, é ocioso, porque o anonymato não offerece nenhum perigo, uma vez que todas as obras devem trazer declarada a typographia de que sahiram e que ha a responsabilidade

legal do editor, do impressor, do proprio distribuidor.

Tal disposição não existe, que nos conste, em nenhuma legislação estrangeira. E que exista; nem por isso será mais razoavel.

A falta de assignatura da obra não deve importar na perda do direito autoral, porque o autor pôde ter razões de varias ordens, todas respeitaveis, para occultar-se.

Se o motivo da disposição foi a difficuldade da prova do direito autoral, por vir occulto o nome do autor, esse motivo é insubsistente, pois tal difficuldade não existe.

Bastaria que o original fosse firmado pelo autor ou que o impressor ou editor entregasse ao autor um documento em que declarasse haver recebido delle o manuscrito.

Além de que a lei não pôde recusar o reconhecimento do direito autoral a quem *provar* ser o autor de qualquer obra, assignada ou não.

Tambem estranhámos bastante a disposição do artigo 6.º que diz assim:

“Os autores de obras litterarias ou scientificas terão o *exclusivo* direito de traduzil-as em qualquer lingua”, e isso durante 10 annos.

Havendo no artigo 1.º o autor se exprimido desta fórma: “direito de reproduzir ou de autorisar a reprodução” e aqui não usando também da expressão: “direito de autorisar a traducção”, parece-nos licito inferir que foi seu pensamento negar ao autor o direito de autorisar a traducção, só lhe dando o de traduzir, elle proprio; — o que nos enche de pasmo.

Se não é isso, houve omissão daquelle membro de phrase, ou notavel defeito de redacção.

Mas esse direito, mesmo assim restringido, soffre nova restricção no § 1.º, que dispõe o seguinte: “Cessa, porém, o direito garantido por esse artigo, se o autor da obra original não usar delle dentro dos tres primeiros annos”.

Nenhuma razão encontramos que justifique tão ferrea e mesquinha limitação de um direito de traducção, que constitue quasi todo o direito autoral.

No artigo 12. define o autor os actos que não constituem contrafacções, e entre elles include “a reprodução, no corpo de um escripto, de obras de arte figurativas, comtanto que o escripto seja o principal e as figuras sirvam simplesmente para a explicação do texto, sendo, porém, obrigatoria a indicação do nome do autor”.

No “Inferno” illustrado por Gustavo Doré, o principal é a poema, os desenhos apenas servem para explicar o texto.

Qualquer podia, portanto, a vingar esta disposição original, reproduzir *livremente* essas admiraveis illustra-

ções e locupletar-se com os lucros dali providos.

Tal benevolencia... para os contractores fere de morte o direito autoral dos artistas de artes graphicas.

Em summa, para não estender demasiado esta apreciação rapida do projecto, notamos que elle bem pouco adeanta ao que estatue o codigo penal, que foi mais minucioso e completo.

Verdadeiramente só nelle uma novidade se encontra—estender o direito autoral aos estrangeiros legalmente representados.

Mas essa mesma está implicita no espirito do artigo 72 da constituição *in principio*, combinado com o § 26 do mesino artigo, acceita a intelligencia dada por nós á palavra *residentes*—intelligencia que é a unica verdadeira como demonstrámos em artigos anteriormente publicados alhures e na these por nós apresentada e relatada ao Instituto dos Advogados, e que publicaremos no nosso proximo numero.

Releve-nos o illustre deputado estas ligeiras e desprezenciosas observações, que não têm outro fim nem outro merito senão agitar o assumpto e despertar para elle a attenção dos competentes.

V. M.

PREFERENCIA

(INTIMAS)

Na juia de uma estante pequenina
Tinha na alcôva os livros, que escolhia:
E a branca mão de Plúdiás estendia
Para tomar um delles: imagina;

Ante o esplendor d'aquelle mão divina,
Que outro livro ler mais alguém podia?
Lel-os ella era ouvir cantar o dia,
Era ouvir ler a graça peregrina.

No oiro da voz andava ou Dante, ou Homero:
E eu a escutava prêso, attento, e mudo,
E dizia-lhe após, já triste e austero:

—Quanto mais te ouço e quanto mais estudo,
Sinto que o mesmo céu e o sol não quero,
Que um beijo teu é que preño a tudo.

LUIZ DELFINO.

CAVACOS MEDICOS

Os estreitos limites d'*A Semana* não permitem as expansões de entusiasmo e admiração que de ha muito nutro pelo Dr. Domingos Freire, emerito trabalhador, que só tem um defeito—ser brasileiro.

Com effeito, se o Dr. Domingos Freire tivesse nascido na Alemanha, em França ou na Italia, o seu nome estaria universalizado, a par dos de Jenner, Pasteur e Kock!

O Brazil, porém, só tem o orgulho lófo e tolo de apregoar ao mundo *que tem a mais opulenta natureza, que possui o sólo mais rico e fertil, que desemrola os mais claros, diaphanos e extensos horizontes, que correm no seu seio os mais limpidos e collossaes Jor-*

[1] Em nosso parecer ella o garante também aos não residentes.

des, que tem por lecto o cêo mais luminoso e transparente que aclara a face da terra, deixando incognito o nome de seus filhos illustres, que, ás vezes, desanimados, cahem no meio da estrada do trabalho, desfallecem mesmo no escabroso terreno da investigação e da experiencia!

E, no entanto, carissimo leitor, o nosso incomparavel paiz abraça logo e prefere qualquer novidade que venha da velha Europa em relação ás doutrinas mais recentes, ás experiencias mais modernas, ás substancias medicamentosas que tenham sido descobertas e preconizadas no tratamento de certas molestias!

Não posso comprehender esta falta de amor e de auxilio que o brasileiro tem para o seu compatriota, que incontestavelmente vive no afan de um gabinete de trabalho, a investigar o beneficio, a utilidade, o interesse e o proveito da Humanidade; que se dedica com ardor ao estudo dos livros e passa as noites e os dias alquebrando-se n'esse unico intuito de bemfazer ao proximo!

E' preciso termos mais enthusiasmo pelo que é nosso. O grande mestre, o abalizado professor Torres Homem, disse um dia, movido pela sua longa pratica e frequentes decepções porque teve de passar, que, mesmo em materia de ciencia, nem tudo que brilha é ouro, e estava convencido de que a Europa, ao lado de esplendidas conquistas alcançadas nos ultimos vinte annos, nos differentes ramos de conhecimentos humanos, tributarios da medicina clinica e de que ella se tem aproveitado em beneficio dos doentes, tem-nos mandado como innovações muita coisa inutil, muita banalidade, muitas inexactidões e muita fantasia.

E nós, brasileiros, aceitamos ainda assim, vivemos ligados á tutela scientifica do velho mundo, não temos para com elle a experiencia e a reflexão para separar o joio do trigo, e somos os primeiros a soltar brados de animação ás primeiras noticias que de lá nos chegam.

Nomeiam-se immediatamente commissões de estudo á nova descoberta, gemem os príncipos, endoando o novel descobridor, organisam-se bandos entusiastas, animando o embryonario investigador, e, no entanto, se elle se chama Lacerda ou Domingos Freire, nota-se o silencio, o escarneo mesmo e a indifferença!

Bem triste e acabruilhadora é a sorte dos filhos desta boa terra de palmeiras onde canta o sabiá!

Para mim, porém, e para aquelles que ainda sentem queimar-lhe o peito o fogo sagrado do amor da patria e do enthusiasmo pelos que trabalham em beneficio da ciencia, seião esses distinctos brasileiros sempre uns benemeritos, tratando de apontar ao mundo pensante os seus nomes, embora em artigos ligeiros e superficiaes, embora fazendo pallido esboço do seu brilliantissimo tirocinio!

Desde 1885 que o Dr. Domingos Freire communicou á imprensa do Rio de Janeiro o resultado das suas investigações sobre a origem parasitaria da affecção cancerosa.

Em 1887 surgiu á publicidade um folheto

intitulado *Prémieres études expérimentales sur la nature du cancer*, do qual tive já occasião de fallar, folheto em que o emerito professor desenvolve a sua theoria sobre a etiologia do carcinoma, descrevendo as propriedades do seu agente productor, que elle diz ser um *bacillo*, derivado da *zoogléa*, facilmente encontrado no sangue dos doentes em estado de cachexia cancerosa.

O professor Schanren, de Berlim, confirmou as observações do preclaro brasileiro, nos seus essencias pormenores, sendo por muitos outros verificada a descoberta, acolhida tambem com toda a gentileza pela Sociedade de Medicina de Berlim, na sua sessão de 19 de Dezembro de 1887.

No folheto citado e do qual, repito, já tive occasião de fazer o elogio, lê-se como o distincto operario da ciencia isolou da urina de cancerosos cacheticos uma toxina basica, cuja energia physiologica mostrou, determinando em varios animaes a morte. Essa toxina é correlativa com a existencia do bacillo.

O Dr. Domingos Freire attenuou o bacillo, innoculou-o assim em animaes, tornando-os refractarios, por immunnidade adquirida, á acção ulterior das culturas virulentas.

Pois bem! No afan dos seus proveitosos estudos não lhe fallecia a esperanza de encontrar uma therapeutica efficaz para a cura do cancro. Empreheendeu tentativas nesse sentido e não desanimou com o mau resultado das primeiras.

Hoje apresenta como quasi curados dois casos do cancro ulcerado, cujas observações se acham exaradas no *Brasil Medico* de 8 de Agosto corrente, precioso hebdomadario de Azevedo Sodré,—outro benemerito que tem conseguido manter um jornal medico neste paiz, durante sete annos ininterruptamente.

Comprehende o leitor que duas observações não bastam realmente para proclamar a efficacia da descoberta, mas desejo vêr a animação ao illustre investigador e não a inveja, a satyra e as phrases dos zoilos, que já me perpassam pelos ouvidos e que são a causa deste meu pequeno *caraca*.

O campo para a experiencia e a observação do Dr. Domingos Freire é muito pequeno, pois é no Hospicio de N. Senhora da Saude onde as suas tentativas têm sido ensaiadas, mas a sua invenção é já o resultado de longos e penosos estudos de pathologia experimental! Os seus esforços, portanto, são mais dignos de veneração que de zombaria!

Abracemos o glorioso brasileiro e pesemos as suas palavras:

“A idéa de que eu poderia retardar de um só dia tão fagueira probabilidade, chamando á saude e á vida entes condemnados a uma morte certa, impelliu-me a vir pressuroso accenar com esta alvorada de esperanças das columnas desta folha (“*Brasil Medico*”) em cujo limbo fulgurante tento sempre visto gravada a animação ao trabalho e a consolação aos grandes males.”

DR. SAHEN.

Plebiscito Litterario

Offerecemos á votação dos leitores a seguinte pergunta:

—QUAES SAO OS SEIS MELHORES ROMANCES ESCRITOS EM LINGOA PORTUGUEZA?

Cada chapas deverá indicar declaradamente a ordem de merecimento, de modo que na apuração não venha por exemplo, a alcançar o primeiro logar o romance que obtiver maior numero de votos, em absoluto, mas sim o que o tiver obtido para o primeiro logar; e assim para o segundo, para o terceiro etc.

O prazo para recebimento das respostas encerrar-se-á no dia 12 de Setembro vindouro.

Além do titulo do romance, dever-se-á declarar o nome do autor.

Só serão apuradas chapas firmadas com pseudonymos quando estes forem conhecidos e authenticos.

Do romance que obtiver o primeiro logar publicaremos o trecho mais bello ou mais celebre e, sendo possivel, o retrato do autor.

As respostas trarão os seguintes dizeres na sobrecarta:

A Redacção d'A SEMANA (Plebiscito litterario.)
Rua dos Ourives n. 71.
Capital Federal.

Os nomes dos votantes não serão publicados, salvo expressa autorisação d'elles.

A designação “romance” é restrictiva; a chronica, a novella, o conto, a narrativa puramente historica estão, portanto, excluidos. Mas não ha distincção de escola nem de epocha.

O que é indispensavel é que haja sido publicado em volume, e que seja livro.

Tem despertado vivo interesse, a julgar pelas chapas recebidas e pelas discussões travadas em nosso escriptorio, o plebiscito offerecido pela *Semana*, aos seus leitores.

Cabala-se fortemente em favor de *Os Maias* e do *Primo Bazilio*, do *Eurico*, do *Amor de Perdição*, do *Retrato de Ricardina*, das *Pupillas do Sr. Reitor*, do lado dos romances de autores portuguezes; e em favor do *Guarany*, do *Braz Cubas*, da *Casa de Pensão*, do *Ermilão de Muquem*, do lado dos brasileiros.

Para orientar a votação e provocar a com paração e a escolha, vamos inscrever as tres chapas que estão correndo.

Primeira: I *Eurico*, II *Amor de Perdição*, III *Primo Bazilio*, IV *Pupillas do Sr. Reitor*, V *Guarany*, VI *Casa de Pensão*.

SEGUNDA: I *Os Maias*, II *O Primo Bazilio*, III *Braz Cubas*, IV *A Reliquia*, V *O Athenou*, VI *A Casa de Pensão*.

Esta chapas é *esta*, como se se vê.)

TERCEIRA: I *Euzebio Macario*, II *O monge de Cister*, III *O Guarany*, IV *Os Maias*, V *A Moreninha*, VI *O Cortiço*.

Accettaremos votos justificados não excedentes de cinco tiras de papel almaço.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Ilmo. Sr. Director d' A SEMANA.

Pede-me V. S., em nome da sciencia, que dê a minha opinião sobre—a combustão espontanea, tal como a descreve o romancista Emille Zola no seu recente romance — "Le docteur Pascal."

Se o Sr. Zola, summo pontifice da escola litteraria, a que chamam naturalista, se tivesse dado ao trabalho de ouvir a tal respeito um scientista competente, não estaria a esta hora, desafiando a zombaria e os motejos dos homens de sciencia — elle que tem a pretensão de tudo pintar com as côres verdadeiras.

Senão que ouça constricto e penitente estas palavras duras e incisivas de Casper, ainda hoje uma das primeiras autoridades em assumptos de medicina legal.

"Afflige-me ser obrigado, em uma obra scientifica séria, em 1861, a fallar ainda da fabula da "combustão espontanea", que ninguém jámais observou, cujas pretendidas provas repousam sobre os contos dos ignorantes e sobre as anedoctas absurdas dos jornaes e que não resistem á mais leve critica." (*Traité de Médecine Légale*, 1862, T. II. p. 227).

Liebig, em um modelo de critica scientifica, em poucas palavras adduz argumentos irresistíveis para classificar a combustão espontanea do corpo humano entre as mais absurdas fabulas.

Zola pinta o velho Macquart devorado pelas chammas que as proprias carnes alimentam, e depois reduzido a um punhado de cinzas e a uma poça de gordura!

Casper replica ao illustre autor do *Dr. Pascal* n'estas palavras: "Nunca foram encontrados restos humanos reduzidos a cinzas, ainda quando o cadaver tenha ficado no fogo por muitos dias."

Vae por um bom par de annos, quando eu alisava ainda os bancos da escola de medicina, acudi curioso ao deposito de cadaveres da Misericordia, para observar os cadaveres das victimas de uma terrivel explosão de polvora com incendio, que se déra em uma casa commercial da rua da Quitanda.

De tão contrahidos e deformados, mal guardavam as fórmias humanas. Eram massas informes, negras, carbonisadas—não eram um punhado de cinzas.

"Convém lembrar, diz ainda o sabio medico legista allemão, que os factos de combustão espontanea tem sido narrados por sacerdotes, *mirins* e camponezes, e que mais superstição ha na França do que na Allemanha, sendo essa a razão porque a França, é a

patria da combustão espontanea, a qual espero não merecerá mais a honra de comparecer perante a sciencia medica."

Creio, com estas citações e o valor scientifico d'estas autoridades, haver enunciado, mui claramente, a minha opinião.

J. B. DE LACERDA.

O NOSSO REAPPARECIMENTO

Eis o artigo publicado n'O PHAROL de 6 do corrente pelo Sr. Silva Tavares, cuja reprodução prometteramos:

Está por breves dias o reaparecimento da SEMANA, de que muitos, senão todos os que lêem nesta terra dos Brazis devem guardar indeleveis recordações, pelo muito que fez pelas cousas litterarias e artes correlativas, como se dizia nos bons tempos em que ainda vivia uma cousa que se chamava espirito de associação, que hoje em dia anda muito pela hora da morte, louvado Deus, e, até quando sabe-o o mesmo Senhor, que oxalá não nos desampare.

Do que a SEMANA é capaz, sabem-n'o todos quantos conhecem o seu fundador e director, um espirito activo, brilhante irrequieto, e incapaz de abdicar das suas prerogativas de homem de letras, que sabe o que diz e porque o diz, não se contentando, jámais, com uma notoriedade balofa e de encomenda, como a tantos apraz, antes pondo sempre por provas o seu merito real e indiscutível, em artigos e folhetos, livros e discursos, correspondencias e collaborações de todo o genero, para gremios e jornaes, leitores e ouvintes, —em contos magistraes e criticas vibrantes, em poesias inspiradas e de folego, em orações e biographias, pamphletos politicos e litterarios, artisticos, scientificos, philosophicos e de polemica... um nunca acabar, emfim, de produções que por ahi attestam o seu esforço e o seu talento, a sua "vérvé" e o seu "savoir faire", espontaneo e valente, incommensuravel e inultrapassado, no nosso meio artistico pauperrimo, miseravelmente pauperrimo, e desolador!

Do quanto tem trabalhado para que tenhamos uma litteratura esse moço tão digno de inveja nobre e nobre imitação que se chama Valentim Magalhães, sabem-n'o quantos conhecem as suas obras, e os traços da sua vida agitada e laboriosissima, sempre devotada ao seu objectivo, aos seus idéaes, á sua crença no futuro e no trabalho imperterrito, pertinaz e paciente como o de um mineiro obscuro e suarento, aviventado porém, incessantemente e interiormente, por essa eterna visão subjectiva dos crentes e dos energicos, grandes no executar e no querer, grandes no esforço, na esperança, na resignação contra o desconforto asperrimo das desillusões sempre victoriosas e immanentes do mysterio, grandes no desprezo, grandes no odio, grandes no amor, que é a pedra angular dessas almas privilegiadas, organizações malcaveis e sinceras, rijas e doces, de aspero granito e de petalas setineas, que se chamam—Artistas.

Do quanto é elle capaz, não ha mister dizel-o. Ahi estão as suas obras como exemplo vivo de um talento aproveitado

e de uma orientação propria, o que já não seria pouco em um meio de "detraquês" e imbecis improductivos e estereis de toda a especie.

Do quanto vale o seu exemplo, digamol-o nós todos seus contemporaneos e compatriotas reconhecidos e sinceros, que sabemos quanto vale o exemplo na escola litteraria e quanto vale a litteratura de um povo para a sua educação e aperfeiçoamento, moral e social, philosophico, politico, e até mesmo—physico!—deixemos passar o paradoxo, se o ha, e concluamos o nosso entusiastico mas justificadissimo arrazoado.

Ha oito annos suspendeu-se a publicação da "SEMANA", que agora vae de novo pôr se á frente das nossas mingradas e desaparecidas hostes litterarias, e,—póde e deve crel-o o seu valente director de então e de hoje—nem um momento foi esquecido o seu brilhantismo e coefferencia na orientação popular. Nem um momento foi esquecido o vasio que deixou aberto nas fileiras do jornalismo nacional, onde a sua volta era como que inscientemente desejada, e indispensavel, e preconcebida, e, por dizercom mais simplicidade, e mais scientificamente—necessarla!

Receba o digno dr. Valentim Magalhães estas boas vindas sinceras de um confrade que se orgulha em ser dos ultimos, nos parcos meritos de auctor, desde que lhe concedam um dos primeiros logares pelo amor ao progresso intellectual e artistico, unico mercedor de respeito sagrado e sincero, unico capaz de amparar do abysmo a pobre mocidade que se envaidece de entufado orgulho ignorantão e balofa, em uma Patria tão rica e tão prospera, tão bem fadada e tão capaz de se constituir inimitavel e unica, em tudo e por tudo!

SILVA TAVARES.

VENDO A NOITE

Silencio em tudo. Lá fóra

Desce o luar sobre a folhagem.

—Mas quem minh'alma ha-de, agora,
Encher de argenteo luar, longe de tua imagem?

Trazer-me agora, quem ha-de,

Um raio ethereo de luar,

Se a sombra d'esta saudade

Estendeu sobre mim a aza crepuscular?

Que nova Flamma, erradia,

Virá trazer-me á alma afficta

A luz que, inda ha pouco, a enchia,

Mais que o luar que, lá fóra, enche a noite infinita?

Foi-se a alegria, a ventura,

Que só me anima e seduz

Quando em tua coma escura

Mergulho, auçioso, o olhar em procura da luz.

Foi-se a ventura, e, trevoza,

A noite em meu peito aberto,

Penetra silenciosa

— Monja, errante, a vagar por um claustro deserto.

Desce-me pela alma a dentro

Toda essa treva mortal

E as illusões que eu concentro,

Em meu sei, lá vão n'un dobre funeral.

E o goso, e a calma em que viste

Minh'alma, ha pouco tranquilla,

Vão-se tambem, pois fugiste,

Levando toda a luz dentro em tua pupilla.

Porque um poeta enamorado

Só vive alegre e feliz,

Quando sente que a seu lado

Ha outra alma que entende o que a sua alma diz.

"Mas dormes?... E a noite infinda
Em que en, tacteando, agostou,
Será mais espessa ainda,
Té que a venha dourar o albor de um teu sorriso.

Silencio!... Ella dorme... Adejo
Sobre ella um sonho de amor.
E, em torno ao seu leito, seja
O rumor de seu sonho o unico rumor!

Silencio em tudo! Lá fóra
Desça o luar sobre a folhagem;
E, enquanto repousa a Aurora,
Meu amor véla tu, longe da sua imagem!

1893.

JOÃO ANDRÉ

Poesia e poetas

BANDOLEIROS

Versos de Silva Tavares,

(Juiz de Fóra, 1893)

Abre o livro um bello prefacio de Augusto de Lima, o laureado auctor dos *Symbolos* e das *Contemporaneas* e o interessante soneto do Padre Correia de Almeida, que pedimos venia para transcrever:

"Meu collega e escriptor Silva Tavares, de teu livro se o prologo não faço é porque meu bestunto é tão escasso que mui facil se torna de o notares.

Os teus versos são muito regulares, quanto á syntaxe e metrico compasso; si não és (nem eu sou!) Dante nem Tasso, exprobem-t'o só criticos alvares.

Eu por mim darei palmas e louvores aos magistraes e artisticos labores que adornam tua limpa collecção.

E, visto que attingido tens a méta, eu votaria em ti para poeta, se a cousa dependesse de eleição.

Trinta e duas são as poesias que se contém no pequeno livro e que, enumerando-as, eu muito folgaria se pudesse dizer: trinta e duas joias de subido valor. Umhas tantas, dentre esse numero, não deixam de o ser, e se nem todas o são, é porque algumas são humoristicas, mas de um ligeiro humorismo; não querendo eu dizer com isto que as poesias d'esta especie não possam ser ás vezes chrismadadas de joias litterarias. Mas é que nesse genero faz-se necessario que a graça saia espontanea do verso como sae a espuma da garrafa de *chicquot!* Desde que seja preciso que a gente lhe metta o saca-rolhas da bôa vontade, não ha nada feilto.

Do livro agradou-nos mais a parte não humoristica, a parte que, conquanto se deva chamar seria, não toma comtudo rapé, nem usa lenço de alcobaça; não geme com dores rheumaticas, nem tão pouco esbraveja como um mata-mouros, nem mal-diz de tudo e de todos como quem perdeu ao jogo.

O Sr. Silva Tavares, pelo modo de tratar o verso, de escandi-lo, de aperfeição-o o mais que lhe é possível, procurando ornal-o de mais um vocabulo tintinante, de mais um adjectivo bisarro, de mais uma rima imprevista

e cantante como agua corrente por um declive de pedras claras, mostra que pertence á fileira dos parnasianos, o que é muito de louvar, e que não tem talvez desejo de jurar bandeira no exercito dos nephelibatás, o que não deixa de ser para elle uma grande felicidade!

Chamando ao Sr. Silva Tavares de parnasiano (não extremado, é preciso que se note) não quero com isso dizer que elle não tenha no seu livro commettido defeitos.

Commetteu-os e não poucos e notou-os por duas razões: a primeira por não ser elle o que se chama um principiante, na verdadeira accepção do termo; e a segunda porque é um burlador, um lapidario de phrases, um rebuscador de rimas; e não tem como tal; direito de cochilar no preparo dos seus versos, de um só que seja

Quem, n'um soneto, por exemplo, consegue fazer treze versos com perfeição maxima, não tem perdão se fizer um decimo quarto com uma unha encravada. Trabalhe um pouco mais e dê a obra perfeita.

Das suas poesias as que melhor me soaram aos ouvidos, foram: em primeiro logar *Página em branco*, e depois, *Inexprimível*, *Ritornello*, *Poesia das cousas*, *Le mot de la fin* e mais algumas.

Tem o livro alguns versos errados e outros frouxos, como sejam: á pag. 14:

"E os desejos revoares, graves" frouxo, e este errado:

"Tremem cahindo em telas ficticias," e mais alguns que não vale a pena citar.

Silva Tavares tem o habito de contar as syllabas e letras mudas como uma syllaba.

Foi assim que elle contou o *c* de *ficticia* como uma syllaba, rasão por que sahio-lhe o verso errado. (Mais certo sahio este meu, que eu impingi como prosa: "rasão porque sahio-lhe o verso errado.")

Antes de concluir não posso furtar-me ao desejo de roubar ao seu escriptorio uma perola para com ella enfeitar o meu artigo.

Lá vae ella:

Le mot de la fin

"Eu quizera pintar-lhe isto que sinto
Desde a saudosa data d'esse ardente
E duplo olhar que, simultaneamente,
P'rendeu-nos como no encantado cinto.

Porém não sei que extranho labiryntho
Se me apresenta inopinadamente
Que, mais a idéa é clara e vehemente,
Mais se enreda a expressão e eu mintto...
[e mintto]

Até não poder mais. Então, exausto,
De, em vão pedir ao insolente fausto
Das imagens o brilho extraordinario,

Colho nas minhas suas mãos de neve
E, no verbo dos verbos—claro e breve,
Digo o que falta em todo um dictionario."

E não é que o bello soneto é mesmo um rico *mot de la fin*, isto é, um magnifico fecho para um artigo ordinario, que eu não sabia como acabar?

"Certamente que sim," dir-me-ha o leitor.

Pois não se peje de confessar que é mais um favor que me deve.

E, agora, terminando, faço votos para que aquelle que tão bem começou e que tão cheio de esperanças e de doiradas promessas se nos apresenta, não fique só nos seus adoraveis *Bandoleiros* e nos dê um livro de maior folego, dentro em breve, e tão completo, que consiga collocar o seu autor entre os nossos poetas primicias, os que gosam dos foros de principes da Rima.

H. de M.

THEATROS

ABACAXI

Com grande concurrencia subio á scena do Apollo no dia 16 do corrente o *Abacaxi!* revista de Vicente Reis e Moreira Sampaio.

Sobre o enredo da peça nada diremos por uma razão ponderosa: porque enredo é cousa que nella não existe.

Fallemos portanto no desempenho.

Nelle sobressahiram em primeiro logar o Brandão, o compadre da revista, e que tem nella o nome de *Sr. Progresso*, progresso de casquinha, como quizeram certamente os autores dar a entender que é o da nossa terra, e Rosa Villiot, que é a companheira inseparavel do *Progresso* e que, sob o nome de *Transacção*, atravessa toda a peça, illuminando-a com a fascinação da sua brejeirice inimitavel.

Seguem-se em segundo plano Xisto Bahia, que tem no papel de *Chico Positivista* mais uma criação magnifica, e Colás, do qual o mesmo se pôde dizer no papel de influencia eleitoral, em que apresentou um typo de matuto *chacouco*, amarello como uma goiaba madura e ignorante como um Perú... assado.

Desta toupeira lembra-se o *Progresso* de fazer um mestre escola, exactamente por elle nunca n'uma escola se haver perdido. Por ali podem ver como são verberados e satyrisados os typos e os factos na revista de que estamos tratando.

N'ella abundam os que depennam o proximo e os que se deixam depennar por aquelles; isto é, os gatuños e os imbecis.

Vem em seguida Clelia, que se mostrou sempre correcta nos pequenos papeis de que foi incumbida, e Zeferino, fazendo de mantenedor da *Segurança Publica*, que apparece sempre depois que a *Segurança Publica* não precisa de ser mantida exactamente

por já ter sido mandada para a casa do diabo mais velho.

Em terceiro plano apparecem em papeis de menor importancia Pedro Nunes, Mathilde Nunes (uma boa *Quitutes*), Araujo (um *Bota Abaixo* bastante demolidor,) Jeanne Kaylus (uma *Cançoneta* boa como um prego!) Betina (uma *Carne Verde* nada morta e muito para ser saboreada) e Folcini muito discreta nos seus pequenos papeis, sobresahindo na *pelega de 500*, cujo trecho musical cantou muito a contento do publico, mostrando-se assim possidora de uma boa voz, que devia ser aproveitada por ser genero que muito escasseia nos nossos theatros.

Os outros deram conta dos seus recados satisfatoriamente.

A peça está bem vestida e bem encenada, sobresahindo, dentre os scenarios, o palacio do Progresso, a praça da Gloria, a Estalagem da Cabeça de Porco, o armazem do *Chico Positivista*, o scenario dos telhados, a apothose representada por um sem numero de apetitosos e enormes abacaxis, e a Ilha dos Melões incendiada, que nos parece ser a scena capital, o *clou*, e que é realmente de um bello effeito scenographico.

A musica, que foi escolhida com dedo feliz por Henrique de Mesquita e Chico Carvalho, é toda ella saltitante e viva como um enxame de abelhas sobre um ramo florido, e em bello dia de sol, sobresahindo os numeros compostos por Luiz Moreira. Achamos superfluo dizer que é toda ella muito brasileira e afandangada como 600 forrobodós!

Digamos agora da peça. Querem que fallemos com a mão na consciencia, como é dever do critico? E' um rico guisado de maxixes, é o que se chama o bello quitute á bahiana com pimenta malagueta por desaforo! Os ditos picantes esvoaçam constantemente como um enxame de vespas, em volta dessa cabeça de porco com farofa, dividida em tres nacos (leiam-se actos).

Os autores deviam pôr nos cartazes: "Revista para Homens", como fez a Livraria do Povo quando annuncia os seus livros. E olhem que era deste modo que elles conseguiriam ter todas as noites sua peça apreciada pelas familias.

Pensam que os condemnamos por ter decotado tanto a sua revista? Não, senhores. Andaram muito bem.

Não é daquillo exactamente que o publico gosta? Não é de pernas ao léo, exhibindo meias pretas? Não é dos desengonçamentos do Brandão? E mais de mulheres em fralda de camisa e de homens em ceroulas, fugindo dos alfaiates não pagos, e dos ditos frescos?

Pois é andar para frente e deixar correr o marfim!

Para um tal publico, que perdeu a noção do pudor e que pelos seus applausos freneticos ás gregoriadas e ás borracheiras, aos regamboleios e bocagices desenfreadas, obrigam muitas vezes os actores ao maximo exagero da patifaria franca e illustrada a quadros vivos, só isto:—uma revista descabellada, onde a satyra aferretôa como o maribondo caboclo, o desaforo queima como a ortiga brava e a indecencia saracoteia como um macaco ferido!

Isto não quer dizer, porém, que a revista não seja bem feita e não tenha graça ás pilhas. Poucas temos visto que reunam tantos elementos de successo, já pela scenographia, já pelas situações, já pela musica, já pelo espirito que nella fervilha, já pelo desempenho. Parabens pois aos autores e á empresa principalmente, que vai ter com a peça uma mina inesgotavel.

Durante tres mezes, pelo menos, não nos hade faltar *Abacachi*!

P. TALMA.

THEATRO LYRICO

Não ha mais trovoadas! Dissiparam-se as carregadas nuvens que tolhavam os nossos horisontes lyricos e que ameaçavam tudo exterminar!... Não soprou um vento forte, mas um violino eximio e *esgrimista* espantou a borrasca e em vez de chuva de pedra e de páo, cahiu um chuveisco de ouro que tudo resolveu.

Parabens damos ao publico por este resultado.

Como porém pôde haver nova tempestade d'aqui alvitramos ao Sr. Ducci uma idéa que ouvimos a um amigo e que nos parece excellente.

O Sr. Ducci devia reunir os assignantes da companhia Lyrica e dizer-lhes em bom portuguez: "meus senhores—estou sem dinheiro, como sabem o theatro não foi todo tomado e além disso a enfermidade do Sr. Gabrielelesco augmentou os embaraços da companhia—o Sr. de Marchi, é incontestavelmente um grande tenor, mas não pôde cantar as operas do repertorio do Sr. Gabrielelesco. Tudo isto reconheço. Mas... acabar agora as representações, quando apenas nos achamos em meio do caminho será horrivel. Assim mesmo em beneficio de V. S^{as}. peço que me concedam permissão para abrir uma assignatura de 10 recitas com preços reduzidos. Desta fórma poderei fazer face aos compromissos e V. S^{as}. terão COM CERTEZA toda a estação lyrica..."

E mais nada. Estou certo de que o pedido seria favoravelmente acolhido por todos.

Nada ha como a mais absoluta sinceridade; experimente o Sr. Ducci e verá que não só o publico como os jornaes prestar-lhe-ão apoio—A Se-

mana desde já hypotheca a sua palavra no sentido de advogar a questão com o maior interesse.

Pois deixaremos partir Mancinelli, Gabbi, Camera, Boronat de modo tão triste?

Não, o publico fluminense tem dado sobejas provas de generosidade e o que é mais—de bom gosto—Não ha de regatear, estou certo, mais esta.

Vamos Sr. Ducci, un bon mouvement et tout finira bien!

FLAMINIO.

LUCINDA

Na segunda-feira passada representou a companhia deste theatro a comedia em 3 actos, de A. Vallabregue, *O primeiro marido de França*.

Esta peça obteve em Pariz um exito colossal, tão grande que tres companhias se organisaram para percorrer as provincias levando-a por todo repertorio.

A comedia é, realmente, engraçadissima, com situações comicas que são verdadeiros achados. O dialogo é vivo, scintillante, repicado, chistoso.

Infelizmente a traducção, que é do Sr. Guilherme da Silveira, estragou em boa parte aquellas excellentes qualidades.

A peça, entretanto, devemos dizello com franqueza, é bastante local. Passada a portuguez, e mal passada, o que é peor, e representada por artistas não francezes, perde cincoenta por cento do seu valor.

Muitos episodios e allusões não são nem podem ser comprehendidos aqui.

O desempenho foi regular.

Peixoto imprimio ao papel de Theophilolo Malivand (o primeiro marido de França) o caracter altamente comico da sua *verve* inesgotavel e teve scenas e inflexões de grande felicidade.

Clementina apresentou-nos uma Valentina elegante, graciosa, fina; mas sem os requintes de uma *cocotte* da mais alta aristocracia do leito, das que *embrulham* em dois tempos e horisontalmente os mais experimentados *viveurs*—o que, aliás, só redundam em elogio da sympathica artista.

Maia foi um correcto Jouvelin, Balbina uma excellente madame Malivand, Manoela uma rasoavel Leonia.

Quem não comprehendeu do seu typo na peça foi o Sr. Fonseca. Tendo de representar o papel de Dr. Thibaudier, que tem 45 annos e é advogado, apresenta-se como um franganote de *boulevard*, embonecado e juvenil, quando a graça do papel está exactamente no contraste do *bilontrismo* secreto do antigo magistrado com as suas apparencias de austeridade.

Essa falta de comprehensão do papel diminuiu muito o effeito comico da impagavel scena do 2º acto em que, graças a uma idéa genial de Va-

lentina, os seus dous amantes julgava-se mutuamente paes da *cocotte*.

A *mise-en-scène* é magnifica.

O scenario do 2º acto é um primor scenographico e foi pintado na Italia.

Raras vezes vemos peças postas com tanto gosto e esmero.

S. PEDRO

Em beneficio do actor João Rosa representou-se hontem a grande peça historica de Garret, *O Alfageme de Santarém*. Quando o panno subia para o primeiro acto, já a nossa folha estava impressa; por isso só no proximo sabbado diremos as impressões deste espectáculo, que será, de certo, soberbo, a julgar pelo exito que obteve em S. Paulo.

Ao correctissimo artista, um dos poucos que ainda honram a sua Arte, as nossas felicitações e os nossos entusiasticos applausos.

P. TALMA.

Factos e Noticias

Felicitamos a *Gazeta de Noticias* pela entrada para o seu corpo de colaboração do illustre escriptor Olavo Bilac.

Naturalmente devido a um equívoco annunciaram os nossos collegas d'*O Telegrapho*, em a capa de seu numero de 21 do corrente, que offerecem como premio aos seus assignantes de anno "um exemplar do *Bric-à-Brac*, prompto a entrar no prélo, especialmente destinado a esse fim."

Devemos declarar aos nossos assignantes que o *Bric-à-Brac*, livro escripto pelo nosso director—Dr. Valentim Magalhães—é de propriedade exclusiva d'*A Semana* que o vac editar afim de satisfazer ao compromisso tomado. E' que, provavelmente, se trata de outro *Bric à brac*. Elle ha tantos!... como se diz em Lisboa.

Ao nosso amigo Sr. Henrique Lombarts damos sinceras condolencias pela perda de sua estremecida esposa.

Foi uma sensível perda para o magisterio publico o fallecimento do Dr. Joaquim Gonçalves Guillon, distincto lente de mathematica elementar no 2º externato do Gymnasio Nacional.

No dia 7 de Setembro abrir-se-ha no edificio do Cassino a exposição juridica promovida pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros.

O Pais, de 19 do corrente, publicou o seguinte telegramma expedido de Porto Alegre:

A imprensa recebeu com sympathia

o reaparecimento da *Semana*, de Valentim Magalhães.

Appareceu ante-hontem o "Correio da Tarde", novo collega que combaterá sob-adirecção preclara do proecto jornalista Dr. Martinho Garcez e a gerencia do Sr. Serpa Junior.

A convite da respectiva redacção, reuniram-se no edificio do "Correio da Tarde" representantes de toda a imprensa fluminense, e ao sahir do prelo o 1º exemplar o Sr. Dr. Garcez brindou á imprensa na pessoa do Sr. Dr. Ruy Barbosa, que respondeu em termos felizes.

Foi uma festa em extremo cordial. Sinceramente desejamos as maiores venturas ao novo collega que surge sob tão bons auspicios.

Seguiu hontem para Minas Sr. Paulo de Roquemare, nosso representante em Ouro Preto.

TRATOS A' BOLA

Charadistas illustres:

Antes de desfiar perante as vossas pupillas offuscadas o rosario das cousas mysteriosas, vou dizer-vos quem abiscoltou desta vez o premio saboroso.

Nesta encarnizada campanha o heroe que conseguiu cantar victoria foi "Pêpe"!

"Fricinal Vassico" não se fez esperar.

Depois destes dois invenciveis thebas, veio a gentil "Lilazea", que teve a infelicidade de não acertar com uma, acontecendo o mesmo a "Pintasilgo". Vieram em seguida e acertaram com todas:

"Suavezinho", que muito nos penhorará se nos mandar os seus trabalhos, e "Perez", a quem agradecemos a lenha que de S. Paulo nos mandou. "Lilazea" mandou-nos a sua decifração em versos, que não publicamos por falta de espaço.

As decifrações do passado numero são estas:

Joaquim, Carioca, Fado, Numero, Fandango, Imperador e Itacolomy.

Meu caro "Pêpe", chegue-se ao premio, para o que deverá fazer uma visita ao redactor-gerente.

Sentido, charadistas, para este novo mel de pau:

Este lugar tem 4 "as"
E tem 2 "cês" (um com cedilha),
Tambem tem "pê"... enfim, tem mais
Um "vê" Então? Veja se o pilha.

E' do Brazil

E não tem til.

A's direitas no ar;

A's avessas no lar.

A's direitas na Igreja;

A's avessas na Igreja.

LOGOGRIPHO

Não creia nisto, não.—6, 7, 8, 9.

Se crê apanha isto.—8, 9, 6, 5.

E nesta parte, então.—1, 2, 3, 5.

Que em animaes hei visto.—6, 5, 8, 9.

Cousa que em muitas ventas

Acentuada está.—4, 5, 6, 7.

E que no hombro aguentas

E bem cosida, olá!—1, 2, 6, 9.

Conceito

Se como uma rodella

Girar tua cachola,

Não gira mais do que ella,

Que nisto vence a bola.

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

Laemmert & C., Editores

Acaba de sahir á luz e acha-se á venda:

LIÇÕES

DE

POLITICA POSITIVA

Professadas na Academia de Bellas Artes

POR

J. V. LASTARRIA

Excmo. Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Chile nas Republicas do Prata e no Brazil, etc

Traduzidas do hespanhol

POR

LUCIO DE MENDONÇA

I VOLUME IN-8 COM PERTO DE 500 PAGINAS, NITIDAMENTE IMPRESSO E BEM ENCADERNADO 10\$000.

INVENTO ABEL PARENTE, no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica pelo Dr. Francisco de Castro, lente cathedratice da facultade de medicina e director da directoria Sanitaria da Capital Federal, 1 vol. com 140 paginas 1\$000.

ESTUDOS DE DIREITO, pelo Dr. Tobias Barreto, publicação posthuma, dirigida pelo Dr. Sylvio Romero, 1 vol. in-8, de perto de 500 paginas, nitidamente impresso, encadernado, 12\$000.

ESTUDOS ALLEMÃES, pelo Dr. Tobias Barreto, publicação posthuma, dirigida por Sylvio Romero, 1 vol. in-8 de 912 paginas, nitidamente impresso, encadernado, 15\$000.

DIAS E NOITES—Poesias de Tobias Barreto, collecção completa, publicadas sob a direcção do Dr. Sylvio Romero. 1 bonito volume brochado 3\$000, encadernado 4\$500.

ENSAIOS JURIDICOS, pelo Dr. Viveiros de Castro (ignotus), 1 nitido volume de 68 paginas, brochado 1\$500, encadernado 2\$500.

COLOMBO e o quarto centenario do descobrimento de um novo mundo, por Sophus Ruge, 1 nitido volume ornado com o veridico retrato de Christovão Colombo. Preço 2\$000.

SOCIEDADES ANONYMAS—Reperitorio completo, contendo o decreto n. 421 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado e bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. brochado 4\$, encadernado 5\$000.

CONTOS AMAZONICOS, contendo: Voluntario — A Feliceira — Amor de Maria — Acauan — O Donativo capitão Silvestre — O Goda do Valha-me Deus — O baile do judeu — A quadrilha de Jacob Patacho — O rebelde, por II. Inglez de Souza, 1 volume nitidamente impresso 3\$000.

DICCIONARIO de conceitos e sentenças proferidas pelos vultos mais eminentes até hoje conhecidos ou livros de consulta para auxilio de estudiosos litteratos, por F. D. Ferreira da Silva, 1 volume brochado 2\$000, encadernado 3\$500.

66 RUA DO OUVIDOR 66

RIO DE JANEIRO.

Dr. P. Pajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

Dr. V. Ottoni

Molestias Venereas e Siphyliticas

CONSULTORIO E RESIDENCIA

22, RUA DO HOSPICIO, 22

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade: Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio:

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**
DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 - Rua Sete de Setembro - 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

Papelaria **LUIZ MACEDO**

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Grande Deposito

— DE —

→ **Pianos e
Musicas** ←

BUSCHMANN & GUIMARÃES

52, RUA DOS OURIVES, 52

Rio de Janeiro.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 - Rua de Gonçalves Dias - 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pelas reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção de raízes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro **perfeitissimas**

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO